

O SUJEITO E A SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES TEÓRICAS

Terezinha J. G. Nascimento (PROLING/UFPB)
terezinhanascimento2@gmail.com

1. Introdução

Partindo do pressuposto de Bakhtin (2011, p. 294) de que “(...) a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”, pretende-se refletir neste trabalho sobre o sujeito e a subjetividade a partir das afinidades das idéias de Pedro Francelino (2007) e Sírio Possenti (2002) em relação à atividade do sujeito sobre a linguagem. Após os postulados da Análise do Discurso Francesa, em que se insere este trabalho, a respeito do assujeitamento às condições sociais e históricas do sujeito na/da linguagem, haveria espaço para a expressividade, ou como diria Possenti, para “o trabalho do sujeito da/na língua”? Pensar sobre o lugar do sujeito na língua é mais desafiador do que considerá-lo simplesmente como suporte por onde o discurso passa.

No momento em que Possenti (2002, p. 64) diz que “Só uma falha radical de lógica pode fazer equivaler ‘o sujeito é dividido’ ou ‘o sujeito é efeito’ a ‘não há sujeito’” o autor demonstra que há subjetividade no discurso e que o sujeito não é tão assujeitado quanto foi postulado pela Análise do Discurso Francesa nas suas primeira e segunda fases. Francelino (2007) em sua tese intitulada *A Autoria no Gênero Discursivo Aula: Uma Abordagem Enunciativa* apresenta como um dos objetivos de sua pesquisa “(...) elaborar uma concepção de autoria” a fim de “apreender, no fio do discurso, as diferentes formas de manifestação do sujeito no processo de produção de seus enunciados” (ibid, p. 84).

Numa busca epistemológica em comprovar seus entendimentos sobre o sujeito e o discurso que ele produz, Sírio Possenti e Pedro Francelino recorrem a vários autores que abordaram a questão da subjetividade e, em especial, aos trabalhos do filósofo Michel Foucault como *A ordem do discurso* (1999) e *O que é um autor* (2000b). Em seus textos que abordam o sujeito, Possenti (2002, p. 101) é categórico ao afirmar que “há domínios em que os sujeitos fundamentalmente são efeitos, mas há outros em que sua atuação é demandada e verificável.”

Para comprovar sua tese, Possenti (2002) analisa diversos exemplos com manchetes de jornal (1989), provérbios e personagens do humor. Em especial em relação aos provérbios, ressalta que é um exemplo claro de discurso do outro em que o sujeito decide onde, quando e como utilizá-los (ibid, p. 101). Ele não concebe a idéia (inicial) da AD de um sujeito visto como uma peça condicionado pela história e pela linguagem, totalmente assujeitado, e defende o trabalho do sujeito com a língua onde, segundo Possenti, reside a subjetividade.

Nesta mesma perspectiva, Francelino (2007) considera a questão da autoria. Segundo ele, o sujeito autor se constitui como tal em todas as instâncias de suas enunciações “(...) que não se caracterizem como plágio, como mera repetição sem nenhum indício de retomada e modificação” (ibid, p. 90), ou seja, assim como Possenti (2002), o professor destaca a ação do sujeito no uso da linguagem, imprimindo nesta traços de individualidade, de subjetividade, ora mais evidentes, ora imperceptíveis.

Pelo que se pode notar, há diversas convergências entre esses autores em se tratando das concepções acerca do sujeito e da subjetividade. Nesse sentido, apresenta-se neste trabalho reflexões sobre as concepções do sujeito enunciativo apresentadas por Pedro Francelino (2007) e seus pontos de encontro com Sírio Possenti (2002) e a relação desses dois posicionamentos com as apresentadas pelo Círculo de Bakhtin sobre o assunto.

Para tanto, foi realizado um estudo teórico acerca do sujeito e da subjetividade a partir das obras de Pedro Francelino (2007) e Sírio Possenti (2002), discutidas em momentos distintos do texto, evidenciando no terceiro momento as reflexões dos principais diálogos entre esses dois autores ao tratarem do tema em pauta, além de explicitar, durante e ao final do trabalho, a concepção de sujeito presente nos postulados do Círculo bakhtiniano.

2. FRANCELINO E O SUJEITO DA ENUNCIÇÃO

Na tese *A Autoria no Gênero Discursivo Aula: Uma Abordagem Enunciativa*, Francelino (2007) defende a noção de autoria a partir da relação entre sujeito, discurso e linguagem. Um dos seus objetivos na pesquisa é perceber as ações do sujeito em seus discursos, ou melhor, evidenciar a autoria no gênero oral. Para isso, ele contextualiza historicamente o conceito de autoria, buscando situar-se nas teorias que lhe servirão de base: Teorias do discurso e da enunciação.

Nesse empreendimento, Francelino cita Chartier (1999), que ressalta sumiços (entre os séculos XIV e XVIII) e aparições (meados do século XX) do sujeito ao longo da história e a idéia do autor dependente (não é dono do sentido) e reprimido (submetido à organização do espaço social da escrita), além de Foucault, remetendo-se às obras *A ordem do discurso* (1999) e *O que é um autor?* (2000b), onde o filósofo apresenta a noção de que o sujeito tem seus discursos controlados e selecionados por procedimentos externos e internos. Francelino (2007, p. 88-90) justifica as referências a estas produções de Foucault (1999, 2000b) por este considerar que a autoria é uma função discursiva do sujeito, que nem todo discurso tem um autor e que o autor seria aquele que é citado, que seus discursos reverberam na sociedade. É interessante notar que, Francelino (ibid, p. 90) revela a incompatibilidade de alguns dos princípios propostos por Foucault sobre a noção de sujeito autor tendo em vista a noção de autoria que defende em sua tese.

É em defesa de suas concepções que o professor e lingüista repousa sua noção de autoria nos postulados bakhtinianos. Antes, porém, de fundamentar-se em Bakhtin, ele (ibid, p. 91) discute sobre a temática, a fim de realizar “um breve itinerário pelos trabalhos desenvolvidos sobre autoria na perspectiva discursiva, mais particularmente, na AD” segundo Orlandi (1988, 1996, 2000), Tfouni (2001), Possenti (1995, 2001, 2002) e Gallo (1992). Entre esses autores, Francelino (2007) revela convergências com suas idéias (e entre eles mesmos) sobre a noção de autoria e divergências com seu ponto de vista e/ou sua perspectiva teórica sobre o tema.

É possível afirmar que o autor convoca para seu texto algumas das idéias desses autores como a de Orlandi onde “o autor é visto como organizador da linguagem, aquele que imprime no discurso a sua marca de subjetividade, mediante as mais diversas estratégias lingüísticas, textuais e discursivas” (ibid, p.91). Essa postura se reflete na utilização do discurso de outrem como categoria analítica para apreensão do sujeito autor na enunciação, em que “o sujeito autor é um orquestrador da multivocalidade que se estabelece em sua produção de linguagem”(ibid, p. 114), até mesmo por pautar sua perspectiva de autoria em postulados bakhtinianos, como mencionado anteriormente. As convergências entre Orlandi e

Francelino (2007) não param por aí. Uma das considerações da autora acerca da repetição do enunciado na constituição da autoria numa perspectiva enunciativa se assemelha àquela considerada por Francelino (ibid, p. 93) considerando que é “a repetição histórica, a que inscreve o enunciado de um sujeito no interdiscurso, na memória discursiva” onde, segundo o pesquisador, a autoria se estabelece. E destaca ainda, que embora Orlandi, fundamentada em Foucault, conceba o autor como uma função do sujeito, ela amplia essa noção a “diversos domínios e instâncias de uso da linguagem”(ibid, p. 92). A abertura da concepção de autoria para além dos livros e textos científicos por alguns autores da AD, aproximam-se das propostas abarcadas por Francelino para elaboração do conceito de autoria. Por esse fator, Tfouni (2001) também apresenta similaridades com o pesquisador nas idéias sobre o tema. Conforme o próprio autor coloca

O fato de a autora ter abordado o texto oral constitui um aspecto relevante para esta pesquisa, uma vez que escolhemos um *corpus* de natureza oral para discutirmos a noção de autoria, o que não é muito comum nos estudos existentes sobre o assunto. (FRANCELINO, 2007, p. 95)

Dos autores da AD mencionados por Francelino (2007), Possenti (2001) se apresenta como mais relevante, levando em consideração as afinidades em relação às concepções de sujeito e subjetividade defendidas, que serão tratadas ainda neste trabalho. Francelino (ibid, p. 97) descreve em sua tese a noção de autoria proposta pelo autor, revelando que partilha da mesma idéia.

Os elementos fundamentais para repensar a noção, imagino, são os seguintes: por um lado, deve-se reconhecer que, tipicamente, quando se fala de autoria, pensa-se em alguma manifestação peculiar relacionada à escrita; em segundo lugar, não se pode imaginar que alguém seja autor, se seus textos não se inscreverem em discursos, ou seja, em domínios de “memória” que façam sentido; por fim, creio que nem vale a pena tratar de autoria sem enfrentar o desafio de imaginar verdadeira a hipótese de uma certa pessoalidade, de alguma singularidade. Ou seja, se se aceita que tudo se resume apenas a uma inscrição de sujeitos em posições prévias, a assujeitamento, então, a noção de autor deve ser resolvida a navalhadas (penso na navalha de Ockam, evidentemente...) (POSSENTI, 2001, p. 17 apud FRANCELINO, 2007, p. 97).

As considerações acima apontam a noção de autoria defendida por Francelino em sua tese. O pesquisador persegue, amparado em postulados teóricos da AD e do Círculo de Bakhtin, a idéia de que “a autoria está presente em todas as situações de uso da linguagem que não se caracterizem como plágio, como mera repetição sem nenhum indício de retomada e modificação” (ibid, p. 90), buscando atrelar o conceito de autoria ao gênero discursivo aula. Fundamentado em concepções dialógicas, o professor apresenta um quadro caracterizador do conceito de autoria a partir de dois princípios (que configuram o autor no processo enunciativo-discursivo), três características (em que o autor é constituído e representado pela linguagem) e duas categorias analíticas (com as quais se percebe a autoria na enunciação), aprofundando em seguida a noção do discurso de outrem a partir de

Bakhtin/Volochinov (1999). Todas essas abordagens levam a perceber que a alteridade é o lugar da autoria no discurso.

Para fins de sistematização, Francelino (2007, p.114) apresenta no Quadro 2 - Fundamentos teóricos para a formulação do conceito de autoria em uma perspectiva enunciativa da linguagem, as considerações previamente discutidas acerca da noção autoria, aprofundando posteriormente em sua tese a segunda categoria analítica – O discurso de outrem – fundamentada na perspectiva bakhtiniana que, conforme o autor, é mais produtiva por revelar o funcionamento da autoria na enunciação.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A FORMULAÇÃO DO CONCEITO DE AUTORIA

EM UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DA LINGUAGEM

Princípios norteadores

- _ O autor é uma instância individual que se constitui na alteridade.
- _ O autor instaura um leitor/interlocutor no processo enunciativo.

Caracterização do sujeito autor

- _ O autor atribui um “fim” provisório ao enunciado.
- _ O autor se manifesta na escolha que faz do(s) gênero(s) e nas variações que este(s) sofre(m) no decorrer do processo enunciativo.
- _ O autor realiza um trabalho de seleção/combinção lexical no plano lingüístico da enunciação.

Categorias analíticas para a apreensão do sujeito autor na enunciação

- _ *Metaenunciação*: o sujeito autor negocia com a(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) constitutiva(s) de seu discurso.
- _ *O discurso de outrem*: o sujeito autor é um orquestrador da multivocalidade que se estabelece em sua produção de linguagem.

(FRANCELINO, 2007, p.114)

Conforme o exposto, é possível compreender o autor como princípio organizador da dispersão (dialogia, por Francelino 2007), como postulam alguns autores da AD (ibid, p. 113) e como aquele que trabalha com a linguagem (ibid, p. 108). Interessante é o fato de que Possenti (2002) declara que suas duas obsessões básicas são “o trabalho do sujeito da/na língua.” (ibid, p. 123). Assim, percebe-se que há entre Francelino (2007) e Possenti (2002) muito mais associação nas visões sobre o sujeito que o apresentado até aqui. E mais, são concepções que, se não põem em xeque noções enraizadas pela AD Francesa, no mínimo provocam inquietações no leitor, se confrontadas, quando o assunto é o sujeito e a subjetividade.

3. POSSENTI E FRANCELINO: EM DEFESA DO SUJEITO ‘ATIVO’

Diante de postulados tão convictos da Análise do Discurso Francesa até a década de 80 em apresentar o sujeito como totalmente assujeitado, restaria espaço para pensar em subjetividade? E como se daria essa subjetividade em um terreno consolidado em que o sujeito é social e seu discurso historicamente condicionado?

O ponto em comum que mais chama a atenção nas concepções de Francelino (2007) em busca da elaboração de sua noção de autoria e nas teorias de Possenti (2002) acerca do sujeito e da subjetividade é, sem dúvida, a defesa do sujeito como aquele que trabalha a/na linguagem, como confirma Francelino (2007, p. 95) remetendo-se a Possenti

Sua contribuição reside exatamente neste aspecto: o de evidenciar o trabalho do sujeito com a linguagem, mesmo que este esteja inexoravelmente atrelado a instâncias ideologicamente marcadas, como a instituição escolar. (FRANCELINO, 2007, p. 95)

Nessa direção, algumas outras concepções convergem entre esses autores em se tratando do sujeito como “um usuário, que realiza manobras. Frequentemente, sobre o discurso do outro” (POSSENTI, 2002, p. 132), distinguindo-se do que é apresentado por alguns autores da AD Francesa sobre o assunto.

A referência feita pelos autores a Michel Foucault reflete a contribuição dos postulados do filósofo para a possível reflexão, ampliação e recortes de sua teoria sobre o sujeito. A função-autor desenvolvida por ele, ampara sua ideia de sujeição às condições de produção e constituição social do sujeito. Ainda que reconheçam o aporte apresentado por Foucault, Francelino e Possenti ampliam essa noção, considerando atividades do sujeito sobre a linguagem.

Na defesa de sua compreensão de sujeito, os autores em questão reconhecem o princípio da alteridade como constitutivo da linguagem em que para Possenti (2002, p. 65) “o discurso nunca é originário de um eu, mas de um outro (discurso)” e para Francelino (2007, p. 103) “a autoria é o lugar reclamado pelo sujeito no espaço enunciativo abundantemente habitado por milhares de enunciados”, o que parece, em muitos casos, muito mais relevante constatar a presença do outro ou Outro no discurso, que segundo Possenti (2002, p. 64-65) “não é suficiente para apagar a presença do eu.”

A ideia de autor como organizador da linguagem apresentada por Orlandi (2000) e convocada por Francelino (2007) é a mesma de jogador que Possenti (2002) menciona em um texto sobre Subjetividade mostrada, onde apresenta várias evidências do jogo realizado pelos sujeitos no discurso do outro, em especial, nos provérbios. Nas palavras do autor (ibid, p. 67) “indicarei algumas ocorrências deste jogo, no qual defenderei que há um espaço para o eu, ou, mais do que isso, que se trata de um jogo que não seria possível sem o eu (...)”. Após suas análises, Possenti alerta ao analista da relevância do reconhecimento da atividade e do conhecimento prévio que a conduz para análise dos dados, além dos critérios de análise serem diferentes para cada tipo de discurso.

Em relação à metaenunciação utilizada por Francelino (2007) como categoria analítica para apreensão do sujeito autor na enunciação, Possenti (2002, p. 99-100) destaca que ela ocorre “Na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar ‘o que pensa’ e formulá-lo mais adequadamente (...)”, ressaltando que o sujeito deve ser considerado “mais que um lugar por onde o discurso passa”. Possenti (2002) recorre ainda a de Certeau em A invenção do cotidiano para ratificar que esse sujeito ativo que tanto defende não significa um retorno ao sujeito individual, livre, pelo

contrário, de Certeau (1990, p. 39 apud POSSENTI, 2002, p. 114) adverte que essa produção realizada pelo sujeito “(...) *não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem dominante*”. Mais adiante, nesse mesmo texto, Possenti destaca ainda que no processo de sua produção, o sujeito adéqua seus discursos às regras dos gêneros “o que implica algum tipo de assujeitamento”, mas onde “As manobras – regradadas – do sujeito exercem um papel fundamental” (ibid, p. 121).

Há, nas considerações apresentadas até aqui sobre o sujeito, muitas afinidades com as teorias postuladas por Bakhtin e seu Círculo. Nas concepções do Círculo, o sujeito é constituído pela alteridade, se completa pelo “olhar” do outro sobre si, conforme Sobral (2009, p. 47) “o Círculo de Bakhtin teoriza precisamente sobre a individualidade, o sujeito, mas, realisticamente, em suas relações com outros sujeitos que os constituem e são constituídos por ele”. Na sociedade, o sujeito pode ocupar diferentes papéis com as devidas coersões sociais que lhes são impostas em cada um deles. Nesse sentido, o sujeito se constitui e é constituído pela sociedade, ou seja, ele precisa da sociedade para se constituir enquanto tal e a constitui a partir das relações dialógicas com outros sujeitos. Nessa construção, sociedade e sujeito se influenciam mutuamente: a sociedade, na construção ideológica do psiquismo e o sujeito, na construção ideológica social, integração facilmente percebida na linguagem e, de acordo com Sobral (2009, p. 48) “como dependem do ambiente social e histórico para existirem, a ideologia e o psiquismo constituem esse mesmo ambiente”. Nesse contexto é que se instaura o princípio dialógico bakhtiniano, onde os sujeitos – locutor e interlocutor – são ativos na construção e recepção de sentido dos enunciados. Sobral (2009, p. 49) assevera que

Todo sujeito tem uma consciência individual toda sua, que é para o Círculo mais do que uma capacidade cognitiva em termos biológicos ou um psiquismo autônomo. A compreensão das coisas pela consciência individual só ocorre com base num material dotado de sentido e esse material tem uma realidade concreta e vem da realidade concreta mais ampla, que não é nem pode ser individual. (SOBRAL, 2009, p. 49)

As relações entre os sujeitos, na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, não podem ser desvinculadas do discurso, da exterioridade constitutiva desse discurso e da sua materialidade na língua. Nessa realidade social e histórica concreta, psique e ideologia influenciam-se deixando suas marcas na linguagem. Para Sobral (2009, p. 50) “Isso mostra que, para o Círculo, ‘individual’ e ‘social’ não se opõem, sendo um parte integrante do outro: sem os outros não há eu, mas sem eu não há outro”. São nessa relações dialógicas que, segundo Bakhtin e o Círculo, os sentidos são construídos.

Como se pode notar, as considerações bakhtinianas sobre o sujeito e suas relações com a linguagem convergem com as abordagens de Francelino (2007) e Possenti (2002) refletidas neste trabalho, ressaltando a atividade do sujeito na linguagem. Assim, a fim de corroborar as asserções aqui expostas, destaca-se uma das características do sujeito apresentadas por Sobral (2009, p. 51) em que o autor confirma que o sujeito

Age sempre (o que inclui todos os atos: cognitivos, verbais etc.), segundo uma avaliação/valorização daquilo que faz ao agir/falar, e pela qual se

responsabiliza, e o faz a partir tanto da identidade que forma e vê reconhecida como das coerções que suas relações sociais lhe impõem ao longo da vida e que vão alterando essa identidade que ele veio a formar. (SOBRAL, 2009, p. 51)

Bakhtin e o Círculo postulam que toda ação do sujeito na linguagem é uma atitude responsiva – pois todo discurso é uma resposta a discursos anteriores ou que “ainda estão por vir” – e responsável – tendo em vista que o sujeito deve ser responsável pelo que diz.

O estilo e a responsividade são duas categorias que podem ser atreladas às marcas de subjetividade como resultado do trabalho do sujeito com a linguagem, como o próprio Possenti (2002, p. 128) destaca “que se pode pensar em *sujeitos trabalhando*, e cujo trabalho deixa marcas nos textos” (grifos do autor). A interação é outro termo bakhtiniano fundamental nesse processo de atividade do sujeito sobre a linguagem, pois ela “existe e se caracteriza pelo jogo tenso entre o que já houve e o acontecimento circunstancial que ela é, (...)” (ibid, p. 102). Pode-se encontrar também em Francelino (2007) que o discurso é ressignificado pelo sujeito, pela exterioridade que o constitui, evidenciando, mais uma vez, o trabalho do sujeito e, nesse sentido, Possenti (ibid, p. 110) afirma que “O enunciado pode ser o mesmo [...] mas o discurso é outro”, ainda que as palavras venham até nós carregadas de valoração dos discursos de outrem.

Vale ressaltar que entre Possenti e Francelino também ocorreram algumas divergências. A primeira delas está no que Possenti (2002) considera como indícios de autoria. Para ele, elementos de ordem gramatical e textual em nada contribuiriam para identificar a existência da autoria em um texto, apenas a discursividade seria o lugar das marcas de autoria. Contrário à proposição de Possenti (2002), Francelino (2007, p. 98) considera que “a autoria se dá no entrecruzamento simultâneo dos três níveis de análise, ou seja, na gramática, na textualidade e na discursividade do texto.” Em segundo lugar, Francelino adverte que “os elementos fundamentais para repensar a noção” de autoria que Possenti (2001) apresenta, “são imprescindíveis na análise da autoria em todos os domínios de uso da linguagem e em todos os gêneros discursivos, *incluindo os do domínio da oralidade*” (FRANCELINO, 2007, p. 97, grifos do autor). Todas essas considerações evidenciam a busca de Francelino em elaborar uma concepção de autoria que leve em consideração todo tipo de uso da linguagem, contudo para Possenti (2002, p. 123) há discursos funcionando sem autor.

Apesar das divergências em aspectos particulares e nem tanto significantes, o empreendimento dos autores aqui discutidos mostra que a ação do sujeito sobre a linguagem está pautada numa atividade dialógica e que apesar das palavras e expressões já virem carregadas dos sentidos de outrem (Bakhtin), elas ganham uma nova construção axiológica no momento da enunciação do falante. Sendo assim, a ação do sujeito na linguagem está na singularidade do ato enunciativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar do sujeito em uma perspectiva enunciativa leva-nos a entender nossas ações enquanto seres que se constituem e são constituídos na/da linguagem. Nesse sentido, este estudo contribui para a reflexão de que o sujeito enunciativo encontra-se permeado dos discursos de outrem mas, ao mesmo tempo, mantém com esses discursos uma relação ativa de assimilação, reestruturação e modificação (Bakhtin, 2011), sem perder de vista a característica sócio-histórica desse sujeito que se constitui na/da linguagem.

Se a linguagem é por excelência dialógica e não existe o adão mítico no uso da língua (Bakhtin, 2011), a noção de autoria só pode estar atrelada à ressignificação dos discursos no enunciado, ao fato de que imprimimos a estes, conforme Bakhtin, nossa expressividade. As noções apresentadas por Francelino (2007) e Possenti (2002) e mencionadas neste trabalho suavizam o pensamento de que somos sempre e totalmente assujeitados quando o assunto é a linguagem e nos possibilitam enxergar a linguagem como um espaço onde o sujeito pode imprimir suas marcas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra; 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. Problemas da poética de Dostoievski. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013.
- _____. Questão de estilística no ensino de língua. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. (VOLOCHINOV, V. N.). [1929] Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. [1924] Questões de literatura e de estética – A teoria do romance. Trad. A. F. Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 13-70
- BRAIT, Beth (Org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Introdução à análise do discurso. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. 96p.
- _____. Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. – Prismas. 191p.
- FARACO, Carlos A. Linguagem e diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.
- FRANCELINO, Pedro Farias. *A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa*. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2007. (Tese de Doutorado).
- POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2002.
- SOBRAL, Adail. Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado da Letras, 2009.